

ANO 6 - V. 67 - 1940

## ADITAMENTOS A UM ESTUDO SÔBRE TOPONÍMIA KAINGANG

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

FRANCISCO S. G. SCHADEN

(Professor aposentado)

Se bem que o trabalho "Denominações Kaingang na Geografia Brasileira", estampado em 1937 na revista "Pindorama" (vol. I, n.º 1, pags. 7-14), contenha material coligido durante longo tempo de leituras e buscas, o autor, ao publicá-lo, não duvidava naturalmente de que com o tempo se haveriam de acrescer ainda vários dados complementares.

A-pesar de se estender por poucas páginas apenas, o referido artigo mereceu a atenção de uma série de estudiosos de assuntos brasileiros, dentre os quais se destaca o Dr. Herbert Baldus, que, com encômios que muito nos penhoraram, o reproduziu e comentou no vol. XLIII da "Revista do Arquivo Municipal" de São Paulo.

A obtenção dos aditamentos que ora apresento não foi tão fácil como poderia parecer à primeira vista. Além de recorrer à consulta de outros livros e mapas, foi-nos de utilidade também uma viagem pelo Estado do Paraná. Se ainda assim a relação não aumenta em muito, é porque de fato as primitivas denominações ameríndias, tão expressivas e tão apropriadas aos acidentes geográficos, têm sido substituídas, na sua grande maioria, por

nomes de santos ou celebridades políticas, e até por formas vulgares, como Rio Novo, Rio Preto, Rio Branco, Rio Claro, Rio das Pedras, Rio dos Peixes. E' evidente que, com isso, as mesmas denominações se devem repetir uma infinidade de vêzes em muitos Estados. Da excessiva preferência pelo tupí na escolha de nomes para localidades e estações de estradas de ferro resultam os mesmos inconvenientes. E não são poucas as dificuldades que isso já tem causado ao serviço postal do país.

E' verdade que na primitiva toponímia indígena igualmente se verificavam frequentes repetições de determinados nomes, mas certamente em grau muito inferior do que se nota com as denominações portuguesas.

Sôbre a questão, abordada no estudo anterior, de se saber se os atuais Kaingang devem ou não ser considerados descendentes dos primitivos Guaianã, têm aparecido ultimamente vários estudos, que, no entanto, não trazem ainda solução definitiva. Parece todavia que, com as suas pesquisas arqueológicas, o cientista argentino Antônio Serrano ("La Cultura Lítica del Sur Brasileño", Rev. Geogr. Americ., ano VI, vol. IX. Buenos Aires, 1938) está em bom caminho para resolver o tão debatido problema.

Sigo aquí a mesma disposição observada no artigo anterior, facilitando assim o cotêjo.

À série de nomes geográficos kaingang caídos em desuso cabe acrescentar *Gôio-Covó*, o nosso atual Rio Iguassú, e *Gôio-Buõngh*, antiga denominação do Rio do Peixe (Estado de São Paulo).

Aditamentos à lista dos têrmos ainda usados:

*Canig(o)á* (Estado do Paraná) — Salto do Rio Iguassú, também chamado Corredeira do Mateus. O rio aí atinge uma largura de dois quilómetros (V. Lima Figueiredo, "Oeste Paranaense", pags. 66 e 76).

*Cantú* (Estado do Paraná) — A divisa das águas entre os rios Piquiri e Corumbataí chama-se *Serra do Cantú* (V. Romário Martins, "Vozes Indígenas na Toponímia do Paraná" in "ALBA", n.º 1, pags. 14-29, Curitiba, 1938).

*Cantu(i)* (Estado do Paraná) — O maior afluente da margem direita do Rio Piquiri. "Aos 900 metros de altitude tem o "Cantú" 25 metros de largura, e daí, ora despenhando-se em quedas bruscas, ora em rápidos perigosos, corre, embrenhando-se entre dois altos espigões, até que, aos 390 metros acima do nivel, confunde suas aguas com as do Piqueri, com a largura de 80 metros". (Edmundo Mercer, "Almanaque do Município de Guaruva", citado por Lima Figueiredo).

*Cherê* (Estado do Paraná) — Cf. R. Martins, *op. cit.*, pág. 18.

*Condá* (Estado do Paraná) — Tributário do Rio Capanema, afluente do Iguassú.

*Creng-Xim* (Estado do Paraná) — Cf. R. Martins, *op. cit.*, pág. 19.

*Gembré* (Estado do Paraná) — Afluente da margem direita do Rio Piquirí.

*Gôio-Bang* (Estado do Paraná) — Afluente da margem esquerda do Rio Piquirí. Corre paralelo ao Rio Cantú. “Ao juntar-se com o Piquerí forma a 300 metros acima da foz uma catarata de mais de 20 metros de altura, cujos vapores, pela refração da luz, ostentam, a certa hora do dia, as cores do arco-iris. Daí a sua sugestiva denominação castelhana de Treis Cores”. (E. Mercer, *op. cit.*)

*Gôio-Crom* (Estado do Paraná) — Cf. R. Martins, *op. cit.*, pág. 20.

*Gôio-Em* (Estado de Santa Catarina) — Afluente do Rio Uruguai (V. Visconde de Taunay, “Entre os nossos índios”, pág. 128).

*Gôio-Erê* (Estado do Paraná) — Afluente do Rio Piquirí, margem direita. A nascente encontra-se no Campo Mourão, a nordeste da localidade do mesmo nome, e da qual dista uns 37 km.

*Inhacorá* (Estado do Rio Grande do Sul) — Afluente da margem esquerda do Rio Uruguai. Forma o limite entre os municípios de Palmeira e Santa Rosa.

*Ipira* (Estado de Santa Catarina) — Localidade no município de Concórdia.

*Jembrê* (Estado do Paraná) — Afluente do Rio Piquirí.

*Jongjó* (Estado do Paraná) — Afluente do Rio Piquirí.

*Legrú* (Estado de Santa Catarina) — Localidade no município de Porto União.

*Paequerê* (Estado do Paraná) — Campo que se estende entre as matas baixas e atrofiadas do vale do Paraná e da foz do Iguassú (V. Telémaco Berba, “Atualidade indígena”, pág. 158).

*Pandói* (Estado do Paraná) — Cf. R. Martins, *op. cit.*, pág. 25.

*Pôrto de Gôio-Em* (Estado de Santa Catarina) — Localidade no município de Chapecó, na margem direita do Rio Uruguai.

*Salto da Bulha* (Estado do Paraná) — Cf. R. Martins, *op. cit.*, pág. 16.

*Serra do Cantú* — V. *Cantú*.

*Viri* (Estado do Paraná) — Afluente do Rio Chopim, margem esquerda.

*Xaxim* (Estado de Santa Catarina) — Afluente do Rio Jangada.

Uma denominação agora encontrada e que não conseguí localizar é *Kentkerê-Kanxire*. Em compensação *Gôio-Bang* (= *Gôyo Buöng*) e *Gembré* (Teodoro Sampaio escreve *Gambré*) puderam ser incluídos na lista acima.

Quanto à interpretação, vão as seguintes observações:

*Kantú* significa papagaio.

*Kondá* é o nome de um antigo cacique de Guarapuava.

*Viri* foi cacique dos Kaingang de Palmas.

A propósito da denominação *Candói*, registada no trabalho anterior, cabe mencionar que era o nome de um cacique que, a instâncias do P. Chagas Lima, se converteu ao Cristianismo, mas só aparentemente. Adoecendo, mandou fazer dois fetiches de cera, figuras de papagaio revestidas de penas, e, suspendendo-as sobre o seu leito, invocava-os de tempos em tempos, dizendo: "*Jongjó! Jongjó! kangantomi karaka pano tom.*" Morto o cacique, enteraram-no os companheiros à sua maneira e sem avisarem o missionário.

*Legrú*, se é que deve ser considerado vocábulo kaingang, traduz-se por capim cortado, de *le* — capim, e *grú* — cortado.

A interpretação literal de *Kentkerê-Kanxire* é: pequeno campo dos pequenos papagaios.

*Bulha*, de *bur*, ou simplesmente *bu*, o que surge com estrondo, que aparece de repente com ruído (R. Martins).

*Xagú*, de *xá* — salto, cachoeira, e *gô* — rio.

*Xerê*, de *xere* — morto, ou de *xê* — preto, e *rê* — campo; campo queimado.

*Kreng xim*, de *kreng* — porco do mato, e *xim* — pequeno.

*Jembrê*, de *jam* — mãe, e *brê* — junto: cunhado, genro. *Jembrê* foi cacique de Kaingang no vale do Piquirí.

*Jongjó* parece ser a denominação registada por Teodoro Sampaio como *Yonghe*. *Jongjó* chamava-se um cacique do Piquirí. Sobre a significação do termo convém mencionar que o P. Chagas Lima indica a tradução: papagaio. Num vocabulário de J. J. Machado D'Oliveira (Revista do Arquivo Municipal, vol. XXV, pág. 146), que provavelmente se serviu da mesma fonte, encontra-se também esta interpretação. Segundo Romário Martins o vocábulo significa gavião. Frei Mansueto apresenta três traduções: gavião, corvo, papagaio. Diz o mesmo Autor que *kantó* significa pa-

pagaio domesticado, enquanto *jongjó* quer dizer papagaio selvagem, corvo (*sic!*). É possível que a confusão seja devida a divergências regionais.

*Pandói* significa planície segundo R. Martins. Esta tradução é, porém, contestada por Frei Mansueto que, referindo-se a um trabalho do Dr. Ermelino de Leão, observa o seguinte: “Diz portanto em primeiro lugar que *pandói* significa planície, e que é contrário de *pandó*, torto. *I* final seria para êle negação aglutinante. O Autor sem dúvida foi enganado pela leitura dos trabalhos do saudoso Telémaco Morosini Borba; porém faço aqui salientar que *pandó í*, *pandóix*, não significa planície: mas espigão, outeiro, ou, conforme o Bugre, coxilha”. (“Dicionários Kainjgang-Português e Português-Kainjgang”, págs. 279-380).

Quanto ao termo *kovó*, afirma R. Martins que se decompõe em *gô*, abreviatura de *gôio*, — água, rio, e *vog* — corredeira.

Terminando, resta-nos corrigir um erro que se introduziu na tradução portuguesa do nosso trabalho anterior: em kaingang a palavra *ka* não significa mato, mas árvore.